

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FRACASSO ESCOLAR. EXISTE?

MARIA CÍCERA VENÂNCIO DOS SANTOS

MARIA CÍCERA V. DOS SANTOS

FRACASSO ESCOLAR. EXISTE?

**Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado na Universidade Federal da
Paraíba - Campus II, como um dos
pré-requisitos para obtenção do 3º grau
de história.**

**Campina Grande – PB
2002**

MARIA CÍCERA VENÂNCIO DOS SANTOS

Orientadora: Eronides Câmara Donato

DEDICATÓRIA

Dedico com carinho:

Aos meus sobrinhos, em especial a Karla;

Aos meus Pais em especial minha mãe (in memoriam).

A Wandilson,

Com amor:

Aos professores com gratidão.

Agradecimentos

A professora Nilda pela orientação e apoio na elaboração deste trabalho.

Aos amigos da prática de ensino, em especial Silvia, pela solidariedade.

À Lúcia e Terezinha por Ter me doado alguns livros.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 07 |
| Capítulo I | |
| Análise Crítica – Reflexiva da formação acadêmica | 08 |
| Capítulo II | |
| Perceber o discurso do fracasso Escolar no ensino Fundamental narrado pela pedagogia moderna..... | 13 |
| Capítulo III | |
| O espaço escolar como lugar de poder..... | 18 |
| Capítulo IV | |
| Título: Vivenciando a prática de ensino..... | 22 |
| Referências Bibliográficas..... | 25 |
| Anexos | 27 |

Introdução

O tema discutido nesta monografia é o “fracasso escolar”. Discutirei as narrativas que o saber científico construiu para explicar tal “fracasso”, refletindo as intencionalidades deste discurso para explicar o “fracasso escolar”.

Esta monografia é constituída de quatro capítulos. O primeiro tem como título, “reflexão da minha vida acadêmica”. Nele se encontram narrativas da minha vida profissional e acadêmica durante os cinco anos nesta Instituição. Estarei relatando minhas experiências em sala de aula, e mencionando as contribuições que algumas disciplinas deram, para que minha trajetória como educadora fosse repensada.

O segundo capítulo contém as narrativas que o saber psicopedagógico construiu para explicar o dito “fracasso escolar”, e as reflexões do pensamento pós-moderno sobre essas narrativas.

O terceiro capítulo é constituído de duas entrevistas nas escalas públicas do ensino fundamental de primeira fase, em que foi refletido¹ o espaço escolar como lugar de poder. No primeiro momento realizei a descrição do espaço físico, percebendo o espaço escolar como lugar de “disciplina”.

No segundo momento realizei entrevistas com o corpo docente, refletindo o poder que têm a linguagem para excluir.

É finalmente, o quarto capítulo relato minha experiência na prática de ensino, fazendo menção da experiência de trabalhar com eixos temáticos. Concluo este relato manográfico questionando a exigência da instituição escolar da qual faço parte, ao nos cobrar este trabalho num tempo estabelecido em que segundo esta, é o ideal. E ainda faço reflexões sobre minha trajetória ao sair dessa instituição como futura historiadora.

¹ As reflexões tiveram como referência as leituras de Antônio Vinão Frago, In Currículo, espaço e Subjetividade. A arquitetura como programa. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro – DP & A, Editora, 1998.

CAPÍTULO I

Análise Crítica – Reflexiva da formação acadêmica

Mudança

“Mudar é um ato simples, ainda que seja possível complicá-lo de muitas maneiras. A gente complica a mudança, pensando que ela vai acontecer somente porque é desejada. Isso nem sempre é verdadeiro e raramente dá certo”.

Muitas vezes, para mudar é importante lutar contra os nossos hábitos.

Meu nome é **Maria Cícera Venâncio dos Santos**. Sou **professora** do Ensino Fundamental da 1ª fase e atuei em sala de aula no período de 95 a 2001 pela Secretaria de Educação do Município de Campina Grande. Sou também **Fisioterapeuta** terminei minha graduação em 1995, iniciei como estagiária no **Centro de Assistência a Criança excepcional (CACE)** no ano de 98, após a nove meses de estágio fui contratada, porém, só permaneci durante 6 meses recebendo como profissional, pois a instituição não tinha condições financeiras para me remunerar. Em 1972 ingressei na Universidade Federal da Paraíba, para cursar a **Licenciatura em História**. Este período marcou demais minha vida como pessoa e como profissional, pois acabara de perder uma amiga insubstituível, a qual eu tinha profunda admiração e confiança, ela era minha ídola, como também eu era sua ídola. Tudo que eu desejava realizar ela me dizia, tente você vai conseguir! Essa amiga maravilhosa foi **Alúzia** minha mãe. As primeiras disciplinas que paguei nesta Instituição, tive dificuldade de interpretar os textos, como também não tinha a prática para dissertação, certa vez um professor me disse que não foi possível corrigir minha prova porque eu não havia dissertado praticamente nada, porém, no 3º estágio ele me parabenizou pelo desempenho na disciplina. Nos corredores, ouvia os alunos comentar que a Professora Socorro Rangel, era autoritária e bastante rigorosa com a disciplina, minha primeira aula com ela eu quis fugir, porém, resisti

na primeira avaliação ela me disse, você confundiu uma questão com a outra portanto não corriji sua prova, mas me orientou como fazer, continuei amedrontada em sala de aula com vergonha de discutir o texto e fala alguma bobagem, expus isso a ela, e a mesma me encorajou. Neste momento eu a vi como uma amiga e foi interessante.

Concordo que a grade curricular do curso de história deve ser mudada pois a maioria das disciplinas, utiliza textos que apenas nos informa. Ao realizar as avaliações, não fazemos outra coisa a não ser narrar os eventos, dissertar sobre as teorias de vários pensadores. Seria interessante que os professores revisassem suas práticas docentes, é claro que alguns têm procurado discutir o plano em sala de aula, isso é algo positivo, pois foi constrangedor pra mim pagar três disciplinas com o mesmo professor. A cada semestre, ele era mais radical, mais arrogante, trazia o plano todo pronto dizia como deveria suas aulas e avaliações, é o professor que está preocupado em transmitir apenas as informações ao aluno, para que no futuro sejamos um mero repetidor de narrativas, é o professor do aulismo, que valoriza a quantidade e não a qualidade, pois o texto fosse ele extenso ou curto deveria ser concluído naquela aula. Como seria interessante se este professor se propusesse a ler Larrosa², talvez ele fosse capaz de respeitar as diferenças, as várias possibilidades de verdade, talvez ele se abrisse para o imprevisível, e quem sabe ele se surpreendesse ao saber que não sabe tudo, que o acúmulo de leituras não é tudo, pois elas apenas informam, e não transformam, quem sabe ele desceria do seu pedestal, e se permitiria escutar, o outro, não para transformá-lo mais para respeitá-lo há como seria bom!

A nossa vida é cheia de surpresas, por mais que planejamos, os acontecimentos não acontecem exatamente como sonhamos, porque o imprevisível não está ao nosso alcance, portanto não temos controle sobre ele, mas quero explicar esta reflexão. Eu acreditava que já havia acumulado um pouco de conhecimento, pois as disciplinas estudadas, tentaram mostra a construção do universo, estudamos os filósofos, a escola dos annales, as revoluções, o pensamento de Freud, de Piaget, de Vigotsky etc, acreditava que na graduação só restava a prática de ensino, a tão esperada e ao mesmo tempo tão temida, mas, sem grandes emoções. Porém, estou tendo a oportunidade de conhecer a educadora Nilda; só a conhecia como coordenadora, era muito pouco, de repente, acontece o imprevisível, estou diante de três disciplinas com esta educadora, que já foi contemplada com novas descobertas, com novas formas de conhecimento, pois ela permitiu de se despir dos velhos conhecimentos, que nos

² Cf. Literatura, experiência e formação. Uma entrevista de Jorge Larossa, para Alfredo Veiga Neto, em julho de 1995. In Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. / org. Marisa Vorrades Costa; colab. de Alfredo Veiga Neto et d. Porto Alegre: Mediação, 1996.

enganam, quando dizem que o saber intelectual é superior é melhor, e diz que o homem sábio deverá atingir o grau máximo de conhecimento. O destino me pregou mas uma surpresa, ter a oportunidade de ler e discutir em sala de aula sobre novas reflexões, que com certeza têm nos permitido olhar nossa prática docente, enquanto professor em sala de aula, pois assim como nossos professores apresentam a imagem que são superiores a nós, acabamos repetindo essa postura com nossas crianças e adolescentes, e até mesmo com nossos colegas, e por que não dizer, com o vendedor de pipoca, ou o motorista de ônibus?

Essas leituras permitem uma outra reflexão sobre nosso modo de pensar e agir com nós mesmos e com os outros. Deixo como sugestão que estas disciplinas sejam vivenciadas pelos alunos de história no 3º período, pois ele será capaz de desconstruir a idéia de superioridade e inferioridade, ou seja, de entender que sabe tanto quanto o professor. Este último, apenas acumulou mais informações, mas isto não é tudo na vida do ser humano, pois o importante é lê para se transformar e respeitar o outro.

A outra surpresa é que eu tinha em mente que os livros didáticos falam somente a verdade, portanto, os livros didáticos eram inquestionáveis. Na disciplina prática de ensino, através das leituras e discussões foi possível perceber, que os livros didáticos, estão cheios de subjetividades, portanto eles narram o que querem e como lhe convém, foi uma descoberta interessante. Discutir os eventos, partindo dos eixos temáticos é uma experiência nova para mim e para turma, pois em geral, trabalham em sala de aula a partir da informação.

Em decorrência de ter ingressado na Universidade como graduada em Estudos Sociais, foi possível iniciar a especialização em Teoria da História e Metodologia do ensino da História na UFPB, com 360 horas/ aula. Iniciei meu curso em setembro de 2001 e devo concluir em outubro de 2002.

Análise crítica, reflexiva das atividades profissionais

Iniciei minha vida como educadora em 95 pela rede municipal de ensino de Campina Grande. Devido está concluindo o estágio 2 de Fisioterapia no período diurno, optei por trabalhar à noite, fui enviada para a escola Deputado Petrônio de Figueiredo, no bairro do Pedregal, onde permaneci até 2001. No ano seguinte iniciei também, em outras escolas da rede municipal, como hora aula (contrato temporário, com remuneração inferior ao salário de efetivo). Estes anos eu vivenciei experiências impressionantes, trabalhei à noite com jovens e

adultos, jovens que iam para a escola por imposição dos pais, e adultos, que iam para a escola, na tentativa de recuperar o tempo perdido na esperança de aprender os códigos, para ter uma vida melhor juntos dos filhos. Trabalhei com crianças com faixa etária de 7 à 10 anos, crianças que vinham para escola sem tomar café da manhã, sem tomar banho, e alguns nem dormiam porque o pai chegava bêbado e interrompia o sono da família; outros dormiam nas calçadas do centro; e outros em período de festa, ficavam à noite vigiando os carros em troca de alguns trocados. O que mais me incomoda é que estas crianças do Pedregal, me perguntavam: vai ter merenda? E quase sempre eu dizia não. Sim é verdade, enquanto a outra escola que eu trabalhava os alunos comiam um pouquinho, nesta escola do Pedregal, não tinha pouco nem muito. Na segunda semana sem merenda, a classe ficava evasiva, ao chegar a merenda, que durava 15 dias mais ou menos, os alunos retornava a sala de aula, porém, uma parcela não retornava mais. No ano seguinte estes alunos apareciam para estudar na mesma série. Atualmente estes alunos que desistem, ou não passam de ano, se matricula na aceleração. No entender dos organizadores desse projeto, a idéia é acelerar os conhecimentos do aluno em menor tempo, fica a pergunta, alguém de barriga vazia produz?

Enquanto os alunos de uma escola comia um pouquinho, o da outra nada comia, os meios de comunicação diziam, tem vagas e merenda escolar para todas as crianças, as propagandas da bolsa escola, bolsa alimentação, tentam menosprezar a inteligência de nossas crianças, pois segundo a propaganda é possível comprar roupas, material escolar e alimentação com R\$ 15,00 (quinze reais). Eu queria que meus alunos percebessem que isso é um jogo político, mas eles não tinham como perceber isto, porque quando os pais que estavam desempregados, recebiam 3 meses atrasados a bolsa escola, eles faziam feiras, comprava um móvel, um celular, um colchão e ainda dava uns trocados aos filhos. Diante desta situação eu não tinha como desmascarar o autor dessas práticas. Eu sentia necessidade de mudar minha prática em sala de aula, mas não sabia como. Eu percebia que meus alunos não estavam interessados nos discursos tradicionais que eu narrava. Quando eu pedia para eles abrirem os livros didáticos como o de História, Geografia ou Matemática, eu percebia que eles ficavam inquietos, não tinham interesse, em ler ou ouvir aquelas narrativas, exatamente como estavam nos livros didáticos. Eu os culpava por isso, e dizia que eles precisavam daqueles conteúdos para passar de ano, e no futuro ser homens de bens, ou seja, cidadãos, pois a sociedade precisava de pessoas educadas, que seguissem as normas e regras estabelecidas por ela. Por que era através do cumprimento de normas, que poderíamos alcançar o desenvolvimento de nossa nação. Apesar do meu discurso, eles não se convenciam desta realidade que eu tentava passar. Apenas uma vez ao ano, no dia da criança nos íamos para a quadra que fica no mesmo

bairro no conjunto dos Professores, eles brincavam, pulavam, discutiam, eu os via como alunos felizes e descontraídos em relação as pessoas que permaneciam em sala de aula. Algo estava errado, mas o que? Eu não sabia.

Sempre participei das semanas pedagógicas oferecidas pela Secretaria do Município, as quais são bastantes proveitosas, alguns palestrantes, diziam que o professor deveria ser criativo, deveria ouvir o aluno, isso me tocava, eu tentava em sala de aula, mas nada mudava.

Hoje diante das reflexões que temos feito discutimos vários textos nas disciplinas, Metodologia do Ensino e Tópico Especial, minhas preocupações são outras, porque podemos perceber as intencionalidades do discurso, que procura impor uma verdade inquestionável, perfeita, portanto esta ciência nomeia e classifica os sujeitos, como certo e errado, feio e bonito, inteligente e burro, rico e pobre, sadio e doente. Ela estabelece normas, ela aprisiona o indivíduo sem que este o perceba, e foi justamente na educação e na saúde, que a ciência encontrou o abrigo para impor seu projeto de dominadora.

É principalmente através da escola que a ciência usa o seu discurso de racionalidade, ou seja, ela diz que é preciso educar para alcançarmos o progresso, mas esta mesma ciência através de educação (academia) permite que o aluno faça descobertas científicas que sirva para produzir mercadoria, sem si preocupar com a destruição da flora e da fauna, como também em se preocupar com o ar que respiramos que com certeza aumenta a poluição.

A escola usa o discurso da modernidade, afirmando que o indivíduo é livre, que vivemos no País Democrático e que todos temos o direito a felicidade. Porém, a escola estabelece normas que devem ser cumpridas pelos alunos, ele não escolhe o que estudar, ele não fala o que quer dizer, ele só pode falar a linguagem da escola, sem perder de vista o lugar de superioridade desta.

Mas, a cada dia, o papel da escola vem sendo questionado, o discurso que ela usa não conduz com a realidade, se antes ela dizia que era através da educação que se chegava ao progresso, que proporcionava felicidade ao indivíduo, hoje ela não têm como justificar o número de profissionais com curso superior, que estão desempregados ou infelizes exercendo outra profissão diferente daquela que foi orientado pela escola.

Portanto, o educador precisa desaprender seus conceitos de verdade, ele precisa ver que o aluno chega na escola com um saber, e este não deve ser destruído, e nem percebido como inferior, mas apenas como um saber diferente do seu, e que têm importância. O educador precisa se permitir ouvir, para aprender com os alunos, pois nem sempre o seu discurso contribui para a formação do aluno, ou seja, este deve permitir que o aluno encontre várias possibilidades de conhecimentos que devem ser permeados pelo ouvir, pelo descontrair.

CAPÍTULO II

Perceber o discurso do fracasso escolar no ensino fundamental narrado pela pedagogia moderna.

Esse enfoque surgiu por volta dos séculos XVIII e XIX. Com grande desenvolvimento das ciências médicas e biológicas, especialmente na Psiquiatria³. Datam dessa época os estudiosos de neurologia, neurofisiologia e neuropsiquiatria, conduzidos em laboratórios anexos a hospícios, e a rígida classificação dos pacientes dessas instituições como “anormais”. Posteriormente, o conceito de “anormalidade” começou a ser transferido dos hospitais para as escolas: as crianças que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem passaram a ser designadas como “anormais escolares”, já que seu fracasso era atribuído a alguma anormalidade orgânica.

A incorporação de alguns conceitos psicanalíticos na área médica modificou não só a visão dominante de doença mental, como também as concepções correntes sobre as causas das dificuldades de aprendizagem.

A influência ambiental sobre o desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos de vida e a dimensão afetivo – emocional na determinação do comportamento e de seus desvios passaram a ser enfatizados, provocando uma mudança que apresentavam problemas de ajustamento ou de aprendizagem escolar: em vez de “criança anormal” “criança problema.”

Os instrumentos da Medicina, apoiados até então em anomalias genéticas e orgânicas, são substituídos por instrumentos da psicologia clínica, de inspiração psicanalítica, que buscava no ambiente sócio familiar as causas dos desajustes infantis.

A problemática do fracasso escolar, foi reforçada na década de 60, quando os médicos introduziram no Brasil a abordagem psiconeurológica⁴ de desenvolvimento humano, que trouxe consigo as noções de Disfunção Cerebral Mínima e de Dislexia, muito enfatizada por neuropediatras, psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos.

³ No Brasil, a corrente psicanalítica foi divulgada por Arthur Ramos, médico formado pela faculdade de medicina da Bahia, que estudou os problemas de aprendizagem escolar. Suas obras foram, durante muito tempo, o único trabalho empírico publicado no Brasil a respeito do assunto.

⁴ A literatura estrangeira sobre esse tema tinha grande penetração no nosso meio, principalmente as contribuições de JOHNSON & MYKLEBUST (1987, pesquisadores do Institute for Language Disorders, que enfatizavam os conceitos de Disfunção Cerebral Mínima (DCM) e o Distúrbios de aprendizagem afásias, disgrafias, discalculias, dislexias) considerados os principais responsáveis pela incapacidade de algumas crianças para aprender.

Outra vertente de grande repercussão no pensamento educacional brasileiro foi o movimento da Escola Nova, que norteou a política da educação dos anos 20 aos 60. O movimento buscava respostas para problemas educacionais brasileiros nas experiências educativas já consagradas nos Estados Unidos e em Países da Europa, baseados numa nova concepção de infância, que reconhecia a especialidade psicológica da criança, em contraposição aos pressupostos filosóficos e psicopedagógicos do ensino tradicional.

A partir da década de 60, a categoria profissional dos psicopedagogos começa a expandir-se e a organizar-se buscando, inicialmente as causas do fracasso escolar, através da sondagem de aspectos do desenvolvimento físico e psicológico do aprendiz.

Os psicopedagogos prendiam-se a uma concepção organicista e linear, com constatação nitidamente patologicamente, que encarava os indivíduos com dificuldades na escola como portadores de disjunções psiconeurológicas, mentais e/ou psicológicas.

Essas idéias, difundidas através dos consultórios particulares, acabaram chegando às escolas que, sem nenhum critério, classificavam as crianças com dificuldades para ler e escrever como “disléxicas” e, as demais agitadas, como “hiperativas”. Esses problemas eram atribuídos, por vezes, a disfunções cerebrais. Essas crianças eram encaminhadas a profissionais da área médica, que reforçavam o diagnóstico dos professores e recorriam, freqüentemente, a uma linha medicamentosa de tratamento.

A divulgação das idéias escolanovista⁵ também repercutiu no pensamento psicopedagógico. A ênfase nos aspectos afetivos da aprendizagem acabou levando os psicopedagogos a utilizarem um número exagerado de testes e de instrumentos de mensuração, na tentativa de encontrar índices que os conduzissem a um diagnóstico. Com o passar do tempo, essa medida mostrou-se não só ineficaz, mas prejudicial, pois alguns alunos acabavam estigmatizados como incapazes para aprender.

O conceito de DCM permitiu uma aceitação maior da criança pelo professor e pelos pais, uma vez que, portadora da “doença” neurológica, ela não poderia ser responsabilizada pelo próprio fracasso. Porém, também serviu para desmotivar os educadores a investirem na aprendizagem. Já nos consultórios de atendimento psicopedagógico⁶, reforçou a explicação organicista de problema de aprendizagem, enfatizando mais uma vez, a postura medicalizadora vigente na época.

⁵ A teoria da escola novista propunha que a escola fosse instigadora da mudança social e, ao mesmo tempo, se transformasse porque a sociedade estava em mudança.

⁶ Atualmente, autores estrangeiros da área médica, de grande penetração nos meios psicopedagógicos, como por exemplo AJURIAGUERR e MARCELLI (1986), chamaram a atenção para a dificuldade de definir limites claros e objetivos entre os conceitos de normalidade e de patologia na aprendizagem escolar.

A divulgação das idéias escolanovistas também repercutiu no pensamento psicopedagógico. A ênfase nos aspectos afetivos da aprendizagem acabou levando os psicopedagogos a utilizarem um número exagerado de testes e de instrumentos de mensuração, na tentativa de encontrar índices que os conduzissem a um diagnóstico. Com o passar do tempo, essa medida mostrou-se não só ineficaz, mas prejudicial, pois alguns alunos acabavam estigmatizados como incapazes para aprender.

Outra vertente contribuiu para redimensionar a concepção de problema de aprendizagem pelos trabalhos de VYGOTSKY⁷. Para o autor, o desenvolvimento cognitivo das crianças é inicialmente, determinado por processos biológicos e guiado subseqüentemente, por interações sociais, o desenvolvimento das habilidades cognitivas.

A medida que as crianças crescem, internalizam as operações e as direções verbais fornecidas pelos adultos, utilizando-se desse procedimento para dirigir seu próprio pensamento. Este é o caminho por meio do qual formas historicamente determinadas e socialmente organizadas passam a operar informação e influenciam o conhecimento do indivíduo, e a consciência de si e do mundo.

Com o crescente avanço do campo de atração da psicopedagogia, os psicopedagogos sentiram a necessidade de aprimorar a própria formação, adquirindo conhecimentos multidisciplinares. Partindo dessa perspectiva, a associação⁸ passou a promover diversas modalidades de atividades⁹, pois a necessidade de conhecimentos multidisciplinares impunha-se cada vez mais para uma atuação psicopedagógica mais abrangente.

O encontro realizado em julho de 1992, a associação abordou o tema: “A Práxis Psicopedagógica na Realidade Educacional Brasileira”.

Nesta oportunidade, ficou clara a posição da Associação em enfatizar a psicopedagogia enquanto uma práxis e, como tal, capaz de oferecer alternativas de ação no sentido de uma transformação, o que possibilita à instituição escolar e aos alunos uma melhoria nas condições de aprendizagem, objetivando reverter a situação dramática em que se encontram as escolas brasileiras.

⁷ Modelo sócio – interacionista, no qual se destaca o trabalho de VIGOTSKY (1988).

⁸ Ao iniciar suas atividades, em 1980, determinando-se inicialmente Associação de Psicopedagogos de São Paulo, promovia encontros para reflexão e trocas de experiências de trabalho, enfocando os problemas de aprendizagem.

⁹ Atividades (cursos, palestras, conferências, seminários, etc.) Contando com a liderança de profissionais de diferentes áreas de atuação (Pedagogia, Psicologia, Neurologia, Psiquiatria etc.)

Assim, de um enfoque meramente clínico, centrado nas patologias dos problemas de aprendizagem, para um enfoque multidisciplinar, levou-se em conta uma pluricausalidade de fatores que interferem no processo de aprender, sem perder de vista a dimensão mais ampla da sociedade.

Ao realizar entrevistas¹⁰, as professoras são unânimes ao apontar Língua Portuguesa como conteúdo escolar no qual a maioria dos alunos, inclusive os repententes e multirrepententes, apresentam problemas de aprendizagem. Elas mencionam que algumas crianças têm problemas para aprender a escrever porque suas famílias não lhes oferecem a oportunidade de entrar em contato com o símbolo escrito¹¹.

Mencionam que, se as famílias não podem oferecer essa vivência, a escola deve assumir a responsabilidade de suprimir essa defazagem.

A inversão de letras é apontado como problema de aprendizagem, que prejudica a auto estima e compromete a aprendizagem.

As trocas de letras na linguagem oral são apontados como problema de aprendizagem ou problema de fono. Os alunos que têm dificuldade para fazer cópias são apresentados como “alunos problema”, e a falta de coordenação motora representam obstáculos na aprendizagem em geral.

A ausência de normas e padrões de comportamento são vistas como obstáculos que impede o aluno de organizar seu próprio espaço de trabalho. A escola e a aprendizagem orientam-se por normas, regras e limites, conclui-se que a criança proveniente de um ambiente familiar extremamente desorganizado certamente terá dificuldades para adaptar-se e obter sucesso na aprendizagem.

O pensamento pós-estruturalista questiona o saber científico, pois segundo este, o cognitivo¹² é adquirido de forma diferente para cada indivíduo.

Se o dito conhecimento se dá de forma diferente para cada indivíduo, como é possível medir a diferença? Como medir a “inteligência” ou a falta de “inteligência” dos indivíduos? Se ele diz que cada indivíduo tem sua maneira própria de aprender o conhecimento, este saber é contraditório quando realiza os ditos “testes de inteligência”, pois os testes são realizados para medir a inteligência dos indivíduos, mas se o conhecimento é adquirido de maneira diferente para cada indivíduo, quais as intenções destes testes? Não seria selecionar indivíduos para depois nomeá-los de normais e anormais e construir a identidade para estes?

¹⁰ Segundo as entrevistas realizadas na escola pública. E. Munic. de Vila Esperança do ensino fundamental SP.

¹¹ É fundamentalmente na interação com pessoas capazes de ajudar a criança a atribuir significado os símbolos escrito- compreendendo o seu valor social – que a aprendizagem se realiza.

¹² refere-se ao processo de “armazenar ou adquirir o conhecimento”.

Segundo o saber científico, a criança que não consegue realizar determinadas atividades¹³ propostas por ele é considerada uma criança problema.

Ao nomear de “criança problema” o saber científico julga que ela é criança fracassada, pois segundo o saber moderno, o indivíduo que não consegue realizar propostas dirigidas por ele, é considerado indivíduo “incapaz”. Este discurso é contraditório quando diz que a criança é um ser ativo que age espontaneamente sobre o meio e possui um modo de funcionamento intelectual próprio que o leva a se adaptar a esse meio e a organizar suas experiências. Se cada criança possui um modo de funcionamento intelectual próprio como afirma este saber, não se justifica as avaliações, os testes para medir tais conhecimentos e depois classificar determinados alunos como portadores de alguma patologia, e desta maneira falar em criança problema, ou criança fracasso.

Segundo o saber científico algumas crianças apresentam lentidão na aprendizagem, por isto são nomeadas de crianças problemas, mas este saber diz que o conhecimento não se dá de maneira igual para os indivíduos, diante destes discursos é possível perceber suas contradições.

O saber científico, apresenta vários discursos, ele diz que os indivíduos são iguais, mas também afirma que existe alunos disciplinados e indisciplinados, alunos normais e anormais, alunos de sucessos e alunos fracassos, ele diz que todos os indivíduos poderão atingir o grau máximo do conhecimento intelectual, no entanto, os conceitos de DCM e o DA, afirmam que crianças portadoras dessas disfunções terão o conhecimento ilimitado.

O saber científico afirma que existe fases para a “criança” adquirir determinados conhecimentos, mas ele não consegue explicar por exemplo, o que ocorre com crianças que ultrapassam estas tais fases em tempo imprevisto, e nomeiam de super-dotadas.

Portanto, o saber científico ao ser construído, trouxe consigo suas intencionalidades, que estão sempre discriminando, nomeando e excluindo indivíduos que segundo ele, não se enquadram no padrão de normalidade, mas segundo este saber, ser normal é ser igual. No entanto ele diz que o conhecimento é diferenciado, é mais uma contradição.

¹³ Determinadas atividades (ler, escrever, etc).

CAPÍTULO III

O espaço escolar como lugar de poder

Neste capítulo apresentamos duas entrevistas realizadas em escolas do ensino fundamental de primeira fase. Iniciarei com a descrição física do espaço escolar, no segundo momento irei relatar o discurso proferidos pelo corpo docente e discente destas escolas. Em seguida fiz reflexões percebendo o espaço escolar como lugar de poder e o poder que têm a linguagem para excluir.

A primeira escola¹⁴ que visitei estava em reforma, o sanitário que antes era conjugado a cantina, foi deslocado para outro espaço e foram acrescentadas duas salas de aula e a construção do muro. Esta escola tem quatro salas de aula, as duas que foram construídas recentemente ficam em direção ao sol, e a sala da direção se encontra próximo a cantina, os sanitários estão localizados no final do corredor.

A Segunda escola apresenta uma arquitetura mais disciplinar. Ao entrar tem o espaço para estacionar veículos. Ao lado direito está localizada a sala da direção, de vídeo, a dispensa e a sala dos professores. Ao lado esquerdo fica o consultório odontológico, no meio está o auditório contendo o palco, as salas de aulas, essas ficam rodeando todo o auditório, nas extremidades ficam as salas do pré-escolar, sala de leitura, refeitório e duas quadras de esportes.

Meu primeiro contato foi com a diretora das escolas. Iniciei o diálogo questionando a distância dos sanitários, a posição das salas, o muro que é bastante alto, e as salas que estavam de portas fechadas. Segundo a mesma, os sanitários foram fechados e foram deslocados porque ficavam próximos a sua sala, e também devido o barulho das crianças, pois ficava impossível se concentrar no trabalho. As salas ficaram em tais posição para facilitar o trânsito das professoras para a sala da direção, pois estas precisam pegar sempre material didático. O muro precisa ser alto para evitar a fuga das crianças, e as portas precisam ficar fechadas para que os alunos não percam a concentração.

No recreio, as crianças tentaram sair da sala sem fazer a fila, mas logo foram contidas pela professora.

Meu diálogo com as professoras, foi para perceber o discurso destas, em relação ao tema “fracasso escolar”. Elas se queixaram que as crianças têm dificuldades para realizarem

¹⁴ A primeira escola está situada no bairro do Ligeiro. A segunda escola está situada no bairro do Catolé.

as tarefas corretamente, pois não prestam atenção as aulas. Segundo ainda os mesmos, os alunos que querem aprender são poucos e a maioria só levam a vida em brincar. Alegam que se esforçam para prepararem boas aulas, no entanto, o rendimento da maioria é praticamente zero.

A Segunda escola em que fiz a entrevista, estava acontecendo o “planejamento” quinzenal, o tema discutido era o “dia da criança”. As professoras decidiram assim a programação desta festa. No primeiro dia será um filme no auditório para todas as crianças, no segundo dia será o banho de mangueira na quadra, no terceiro dia a distribuição de picolé e algodão doce, no quarto dia uma gincana, e finalmente o último dia, a festa em sala de aula com bolo e lembrancinhas.

Durante o dito planejamento foi sugerido que as crianças menores do pré-escolar, brincassem separadamente, pois, os alunos maiores ficam muito eufóricos em dias de festa, não respeitam ninguém, são crianças violentas; pois tais crianças são bagunceiras, e só aparecem na escola para perturbarem. A escola oferece tudo de bom, no entanto, essas crianças não desejam aprender. Depois desse discurso, continuaram o tal planejamento falando sobre outro tema ou seja, o “Político”. Nesse momento outra professora contou a experiência das atividades planejadas. Segundo a mesma, os alunos fizeram uma dramatização representando os candidatos atuais, um aluno de pele escura foi orientado pelos colegas para imitar um político conhecido que tem a mesma cor que a sua. Neste momento todas as professoras deram boas risadas.

Segundo estas, os alunos assimilaram os conteúdos apresentados, pois elas explicaram o que é democracia, política e representante, ou seja deram boas aulas.

Segundo o saber científico, o espaço escolar é o lugar apropriado para o indivíduo desenvolver o conhecimento intelectual, porém, o pensamento pós-estruturalista, questiona este discurso, pois o espaço escolar é lugar de disciplina. Sua arquitetura foi especificamente pensada para tal fim, as salas de aula conjugadas, lugar que é possível olhar para os demais espaços. Este olhar é disciplinador, dentro da sala de aula a professora vigia o aluno, para que este se comporte segundo as normas desta instituição.

É no espaço escolar que o aluno recebe as identidades. Este espaço cria o “aluno problema”, o “aluno fracassado”. O aluno, segundo este saber, deve viver dentro deste espaço assimilando os conceitos que este mesmo criou e nomeou, como adequado, certo, errado, coerente, correto e normal, o aluno poderá receber as identidades, que afirmam ser ele inteligente, disciplinado, que é um aluno de sucesso. O aluno que não incorpora essas subjetividades terá também outras identidades ^{que} afirmam ser preguiçoso, “burro”,

indisciplinador, imperativo, etc. Este aluno, segundo a instituição escolar é o aluno problema, fracassado, mas tem perspectivas de futuro.

O espaço escolar é arquitetado para impor limites ao aluno. As salas de aula ficam fechadas porque segundo as normas da escola, o aluno precisa se concentrar nas atividades pedagógicas. A porta fechada evita que este desvie sua atenção para os demais espaços, e deixe de realizar as tais atividades. A escola estabelece o tempo para o aluno entrar nela, como também estabelece um determinado tempo para que as “atividades” sejam cumpridas, ao aluno é estabelecido um tempo para ele brincar, “aprender”, comer etc.

O aluno que deixa de “aprender” no tempo estabelecido pela escola, logo recebe uma identidade, e será visto com outro olhar pelo saber psicopedagógico que nomeia de aluno problema, aluno fracassado. Segundo a escola é necessário cuidar do tal problema pois, ele impede que o aluno seja bem sucedido na sua vida acadêmica.

O saber pedagógico diz que é dentro do espaço escolar que acontece a tal aprendizagem e este espaço deve ser diferenciado dos demais espaços, pois, ele educa, e para atingir a tal “educação”, é necessário impor limites, vigiando e punindo os alunos indisciplinados.

Quanto à sua ordenação interna, a escola é, então, um espaço segmentado e demarcado. Ela vigia quem entrar e quem sai; O muro da escola, impede que o aluno saia e entre a qualquer “hora”, como também os demais membros que a compõe.

O saber científico diz que, o espaço escolar, deve ser um espaço “puro, organizado”, e disciplinado, é o local ideal para o indivíduo desenvolver o conhecimento intelectual, mas este saber não consegue explicar porque os indivíduos mesmo dentro desta, não alcança o tal conhecimento intelectual.

Podemos perceber que seu discurso é contraditório, pois se este é o lugar apropriado para o aluno desenvolver o tal conhecimento como explicar que dentro deste lugar, têm alunos problema, alunos que fracassam?

Percebemos o quanto é contraditório o discurso científico, pois, suas nomeiações excluem indivíduos, porque a palavra não é neutra. Quando o saber pedagógico constrói a temática do “fracasso escolar”, ele faz com que o aluno assim nomeiado, se veja como alguém incapaz. Na escola o aluno dito “fracassado”, se sentirá retraído, pois a escola está sempre reforçando que ele é culpado pelo seu próprio “fracasso”.

O discurso da instituição escolar afirma que, o “fracasso” precisa ser solucionado, mas percebemos que a escola não tem conseguido encontrar palavras que justifiquem o mesmo. Para “resolver” as dificuldades que o discurso do fracasso apontar, a educação adota medidas

como a bolsa escola, bolsa renda, vale gás etc. Não estará a instituição ocultando problemas ou construindo problemas? Qual a intenção de se construir o discurso do fracasso escolar? A escola é uma instituição da modernidade que surgiu para conduzir os homens e as mulheres ao progresso, ao desenvolvimento, com o fim de visão dogmática. Onde estaria o fracasso deste discurso? Na bolsa escola, bolsa renda, vale gás?

Em outras palavras o “fracasso escolar” é de responsabilidade da falta de emprego dos pais dos alunos? Podemos pensar também em outras possibilidades: o saber produzido pela instituição escolar está interessando aos nossos jovens? Tem relação com sua vida cotidiana, com seus interesses cotidianos? As subjetividades produzidas por este saber têm contribuído com que “modelos” de homens e mulheres na sociedade? Que questiona os valores sociais, éticos e políticos?

Cabe ao educador refletir sobre os vários discursos da escola, que estão constantemente construindo alunos “normais e anormais”. De modo que é possível perceber as intencionalidades do saber científico através das linguagens que excluem, mesmo quando o discurso afirma que é preciso incluir.

CAPÍTULO IV

Vivenciando a Prática de Ensino

A prática de ensino para mim era pensada como o desafio maior, em que eu deveria preparar os planos de aulas e me dirigir para a escola ao encontro dos alunos e assim ministrar as aulas, ou seja, narrar os eventos tal como se encontram nos livros didáticos.

Fui surpreendida com a metodologia utilizada nesta disciplina, pois a prática de ensino foi construída por nós alunos e professores. Ela foi pensada para preparar o aluno para o vestibular, não no sentido de passar os ditos “bizus”, mas para que este perceba as intencionalidades das narrativas trazidas nos livros didáticos, para que ele questione os enunciados. Foi uma experiência nova, pois nós não fomos ao encontro dos alunos, eles é que vieram até nós. As aulas expositivas foram abolidas, organizamos seminários, cada seminário foi preparado por quatro alunos. Ao todo foram nove seminários, e foram preparados após várias leituras reflexivas que possibilitaram discutir os eventos narrados pelos livros didáticos, não mais como o lugar de verdade, mas sim, como o lugar de poder, pois tais eventos foram construídos para legitimar o lugar de poder da linguagem.

Os seminários foram preparados a partir dos eixos temáticos. Estes possibilitaram as discussões em torno das narrativas elaboradas pelo saber científico. Cada aluno, elaborava um objetivo a ser discutido durante sua fala. Todos os alunos elaboraram os planos de aula para cada seminário, como também foram elaborados planos de cursos.

Durante os seminários, os alunos do ensino médio interferiram nas discussões, questionando porque tal evento aconteceu. Outros perguntaram porque não estava-mos apresentando os tais eventos na mesma seqüência dos livros didáticos. Nossa explicação é que os eventos ao serem construídos pelo saber científico, não estão nos livros didáticos de tal forma por acaso, pelo contrário, as narrativas contidas nele foram construídas intencionalmente. Explicamos que os “eventos” não ocorrem numa seqüência num único momento, não existe uma única causa, o evento não ocorre como algo natural, previsível, ao contrário eles são construídos de tal forma que ocultara as intencionalidades.

O primeiro evento discutido em minha aula foi o “Renascimento”. Refletindo sobre as intencionalidades da historiografia ao nomear este evento, foi como o período das luzes, ou seja o renascer do homem racional, dotado de inteligência, diferente do homem medieval que segundo a mesma não refletia, na exercia o poder da razão.

O segundo evento discutido foi a América Portuguesa. As intencionalidades das narrativas dos livros didáticos ao nomear os europeus como homens racionais e civilizados e os nativos como homens bárbaros e irracionais apresentam os significados de superior e inferior.

O terceiro evento discutido foi a “Revolução Industrial”. Este evento foi pensado como o lugar de produção de riquezas através de produção e circulação de mercadorias; como o lugar de poder, através da produção e utilização do material bélico, através da ocupação do oriente; através da efetivação da proletarização do homem. Pensamos este evento como um dos caminhos que a racionalidade ocidental consagrou para felicidade, discutindo as penalidades sofridas por vários sujeitos neste processo.

Essa aula foi bastante discutida, porque este evento pode ser percebido como desencadeadora do processo de proletarização, também foi possível questionar se este evento foi construído para ser o lugar que proporciona felicidade ou penalidades?

Concluídos os seminários, foi realizado o último momento com os alunos. Estes tentaram responder algumas questões de história, estas foram elaboradas a partir dos eixos temáticos discutidos.

A instituição de ensino, da qual faço parte como aluna, exige que para concluir a prática de ensino o aluno deve elaborar a monografia, mas para construir um discurso requer tempo. Nós alunos temos nossas particularidades. A nossa vida profissional que exige oito horas de trabalho, somos donas de casa, temos pessoas que dependem de nossos cuidados, enfim não somos máquinas, mas a instituição nos cobra um tempo que ela pensa ser o ideal, um tempo mínimo para produzirmos um texto, se um aluno ou dois conseguem realizar tal tarefa, ela entende que os demais deverão se quadrar nesta realidade, possivelmente a partir daí vem a consagração da diferença, nos quais legitimam o inteligente, o “burro”, etc.

Deixo como sugestão que repensem sobre o tempo estabelecido, para os futuros colegas produzirem o texto final, ou talvez fosse melhor pensar com mais carinho a nossa formação como um todo. Quem somos nós ao sairmos desta instituição?

Permaneci cinco anos nessa instituição, tendo que cumprir quase todas as normas que ela estabelece, ou seja, foram cinco me disciplinando, ouvindo um discurso e vendo na prática outra postura. Os nossos professores estão sempre nos dizendo como desejam que sejam suas provas. Ele diz como é um resumo, como é uma resenha, como é um texto etc. Será que tem que ser sempre igual, será que é necessário mesmo, seguir as normas, as regras, para pensar, para construir, e o tempo para mostrar o trabalho deve ser o mesmo para todos? E quem não produz nesse tempo estabelecido, merece ser excluído? Este aluno é mesmo indisciplinado?

De qualquer forma, acho importante refletir a experiência da prática de ensino.

A prática de ensino foi uma experiência nova para todos nós que estamos concluindo, pois não ficamos trancados numa sala de aula com os alunos, e às vezes o professor da prática de ensino apenas observando nossas narrativas. Produzimos todos em conjunto. Um colega dava sugestão ao outro, no momento que o aluno estava discutindo sobre um evento. Os demais colegas e professores, sempre tinham algo a acrescentar. Quando os alunos ouvintes tinham dúvidas sobre qualquer discussão, qualquer participante dos seminários estava à vontade para expor seu pensamento.

Nossas aulas se deram em cima de várias leituras reflexivas, e assim foi possível pensar as narrativas, e assim foi possível nos desprender das narrativas dos livros didáticos, como verdades inquestionáveis. Foi possível perceber que não temos e nem devemos apenas repetir as meras narrativas dos livros didáticos, inclusive citando nomes e datas, ao contrário, nossa preocupação estava voltada para questionar tais narrativas, percebendo suas intencionalidades pois ao construir o discurso este é subjetivo, tem interesse não é neutro.

Penso que minha trajetória que se inicia como orientadora, será vivenciada a partir de reflexões. Almejo ser facilitadora de reflexões junto aos meus alunos, não como detentora do saber, mas por ter tido acesso a várias reflexões que, me permitiram perceber que as palavras têm poder para excluir. Portanto, devo estar atenta aos vários discursos que nos deparamos todos os dias em sala de aula. Tentar aqui não repetir o discurso da instituição escolar, que valoriza apenas o saber científico.

Desejo estar aberta para as novas palavras que me passem, desejo novas possibilidades de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

Alfredo Veiga – Neto. **“Incluir para Excluir”**. In habitantes de babel. Políticas e Práticas da diferença. Jorge Larroza e Carlos Skliar (org.) trad. de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. Antônio Vinão Frago. In currículo, espaço e subjetividade. **A arquitetura como programa**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro. DP & A, Editora, 1998.

Beatriz Scoz, **Psicopedagogia e realidade escolar o problema escolar e de aprendizagem**, 7ª edição, São Paulo, Cortez, 1997.

Carmem A. Duarte da Silva, Fernando Barros. **De como a Escola participa da exclusão Social**. 6ª edição, São Paulo, Cortez, 1999.

Joel Birman. **“Subjetividade, Contemporaneidade e Educação”**. In Cultura, Linguagem no ensinar e aprender. Vera Mª. Candau (org.), 2ª edição, Rio de Janeiro, DP & A, 2001

A experiência da leitura. Jorge Larroza. In Pedagogia Profana. **Danças, piruetas e mascarados**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Revisor. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre, Contrabando, 1998.

Literatura, experiência e formação. Entrevista de Jorge Larrosa para Alfredo Veiga Neto em julho de 1995. In Caminhos Investigativos. **Novos olhares na pesquisa em educação**. Org. Mariza Vorraber Costa; Colaborador: Alfredo Veiga Neto et. al- Porto Alegre.: Mediação, 1996.

Michel Foucault. **A ordem do discurso, aula inaugural**. No College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1976, Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo, Edições Loyola, 1996.

Miguel G. Arroyo – **Fracasso – Sucesso: O peso da cultura escolar e do orde momento da Educação Básica**, Petrópolis, 2ª edição, Vozes, 1998.

Rubens Alves. **Lições de Feitiçaria**. São Paulo. Ed. Loyola, 2000.

Sandra Mara Carroza “**O que faz gaguejar a linguagem da Escola**”. In *Linguagem, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Encontro Nacional de Prática de Ensino. 2ª edição, Rio de Janeiro, DP &A, 2001.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO
PROFESSORA: ERONIDES CÂMERA
MINISTRANTES: José Elson
Kyara Maria
Maria Cícera
Sílvia Tavares

PLANO DE AULA

II SEMINÁRIO TEMÁTICO – Primeira aula

EIXO TEMÁTICO: A emergência da razão: continuidades, descontinuidades e a idéia de felicidade no Período Moderno.

OBJETIVOS:

- Discutir como a Ciência do século XIX nomeia as Grandes navegações como marco históricos dos grandes feitos do homem, classificando assim essas experiências como um dos primeiros passos do homem racional.
- Trabalhar a formação dos Estados Nacionais, atentando para as intenções da Ciência do século XIX ao se apropriar deste “evento” e inscrevê-lo como um dos principais marcos da saída do homem das “trevas” para a “luz”.
- Discutir por que a historiografia do século XIX se apega ao movimento artístico e cultural do século XV e XVI, o Renascimento, e nomeia esse período como áureo, se contrapondo a Idade Média, a qual classificam como Idade das Trevas, dialogando sobre as continuidades e descontinuidades do Período Moderno, como também, provocar sensibilidades que sejam capazes de mudar as narrativas contidas nos livros didáticos.
- Discutir como a Reforma Protestante instituiu uma nova cultura religiosa vinculada a uma realidade social, política e econômica que se instaurou no mundo moderno.

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades.

Departamento de História e Geografia

Disciplina: Prática de Ensino

Professora: Esmendes Carmara Donato

Aluna: Maria Lívia Ulmáreis dos Santos.

Plano de aula.

Tema: Mentalidade e Cultura.

Eixo Temático: A emergência da razão:
Continuidades, descontinuidades e a ideia
de felicidade no Período Moderno.

Justificativa: A ciência do século XIX, promove
a imagem de um homem moderno, que pen-
sa, dotado de razão, ^{segundo este} Deus não mais estar no
centro de tudo, pois este homem é capaz de
criar e receber, este homem busca a satis-
fação dos seus desejos na vida terrena, ele
se valoriza, ele é individualista, ele é o
senhor de si.

Partindo desses pontos, é interessante
entender as intencionalidades da ciência do sé-
culo XIX, ao nomear o mundo moderno, como o pe-
ríodo das luzes e o período medieval como o período das trevas.

Objetivos específicos.

Revelar as intencionalidades que levaram a historiografia a nomear o homem do século XIX, como dotado de razão.

Questionar as verdades dos livros didáticos, refletindo sobre seus enunciados. Ex. O homem moderno pensa, e o homem medieval não pensa?

Metodologia: Apresentar tais "conceitos" instituídos pela historiografia do século XIX, que têm como objetivos criar lugares que legitimem a ação e o pensamento dos indivíduos na percepção do professor histórico.

O tema discutido no livro didático será o Renascimento; na aula expositiva, poderemos iniciar refletindo sobre o dito conceito de Renascimento.

Para tanto utilizarei livros didáticos, cartazes, e fotos construídas pela ciência do século XIX.

Avaliação: Será contínua, ou seja, a aula será mediada por diálogos que possibilite levantar questionamentos em relação ao conteúdo apresentado.

Bibliografia utilizada:

Schmidt, Maria Nova História Crítica. Ed. Nova S. Genética. 1999.

TEMA: Revolução Industrial 1

1 - A Revolução Industrial como lugar de produção de riquezas:

Inglaterra sai na frente, em busca da felicidade, que deverá ser conseguida através da riqueza. Ela possui capital, para investir, inventar máquinas.

- Produção de mercadorias.

Transformar matérias primas em mercadorias. Máquinas, estrada de ferro, permitem a circulação de mercadorias industrializadas, num espaço menor de tempo.

- Circulação de mercadorias.

É necessário transportar as mercadorias para serem consumidas. O trem, o navio, serviram para agilizar a circulação de mercadorias.

Não havia uma preocupação em saber o que deveria ser produzido, não se pensava nas utilidades das mercadorias.

Não se conhecia as várias culturas das regiões conquistadas.

2 - A Revolução Industrial como lugar de poder:

Inglaterra cria o material bélico, exporta esse material, mas também é com ele, que ela invade outros territórios a procura de matérias-primas e mercado consumidor.

- Como colonizadora

Ela invade o oriente.

Da Índia ela traz o algodão, chá, cânhamo.

Ela vende um produto tóxico para as pessoas na China, daí o resultado foi a guerra do ópio, na qual a China se torna dependente dela. (Inglaterra).

- Como desencadeadora do processo de proletarização.

A Inglaterra realizou o sistema de cercamentos (para criar ovelhas) essa prática expulsou os camponeses da terra, estes se deslocaram para a cidade a procura de trabalho nas fábricas.

O artesão perde suas ferramentas de trabalho, e obrigado a trabalhar nas fábricas.

Os imigrantes também serão os empregados das fábricas.

3 - A Revolução Industrial foi um lugar de construir a felicidade ou de penalidades ?

- Felicidade: - Felicidade para o patrão era produzir mercadorias para serem consumidas, pois isso gerava riqueza que significava felicidade.
O patrão domina o empregado.

- Penalidades: os empregados.

Estes não conheciam a felicidade, e assim a ausência, pois eram explorados pelo patrão.

- Jornada de trabalho de 18 horas.

- Trabalho infantil e de mulheres.

- Salários insignificantes.

- Prevalecia a lei do Silêncio.

- Eram vigiados 24 horas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CENTRO DE HUMANIDADES

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO

PROF^º: ERONIDES CÂMARA

ALUNO: _____

COLÉGIO: _____

SIMULADO

(HISTÓRIA)

Campina Grande, 23/ 09/ 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PRÁTICA DE ENSINO
SIMULADO REFERENTE AO I MÓDULO

ALUNO:

CAMPINA GRANDE, 24/09/2002.

01 - De acordo com o eixo temático do 1º seminário “A mentalidade científica e a construção de uma pré-história: a invenção Ocidental da humanidade”. Escreva um pequeno texto sobre como a ciência do século XIX nomeia e classifica o período “pré-histórico”.

02 - O mundo Oriental foi construído através de discursos e narrativas científicas que legitimam o seu lugar como o do “exótico” e do “atrasado”. Considerando o texto acima, é correto afirmar que:

- a) O discurso da ciência representa a verdadeira realidade do oriente.
- b) Na antiguidade clássica, encontramos um total afastamento do pensamento mítico dando os primeiros passos para a razão Ocidental.
- c) Esse discurso justificou o processo de colonização europeia no Oriente, colocando-os como “incapazes” de organização política, social e econômica.
- d) O discurso de inferioridade oriental foi organizado pelos Ocidentais para tentar penetrar no Oriente globalizado.
- e) Nenhuma delas é verdadeira.

03 - Explique o seu entendimento sobre o desejo de felicidade na Idade Média.

- 1) O discurso sobre os índios os classifica como selvagens, bárbaros e inferiores, enquanto os europeus são definidos como civilizados, racionais e superiores. Discuta sobre essas nomeações:
- 2) Segundo a historiografia ocidental, a mentalidade renascentista compreende a felicidade a partir da libertação dos dogmas. Baseado (a) nessa idéia aponte os “eventos” que contribuíram para representar esta libertação:
- 3) “A Reforma Protestante foi um evento que segundo a historiografia, marcou uma transformação radical na mentalidade cristã da sociedade inglesa e traçou o perfil de um novo homem moldado pela razão, o homem moderno.” Podemos pensar que houve realmente uma mudança radical na mentalidade cristã que separa o homem moderno do homem medieval? Justifique sua resposta:
- 4) Segundo a historiografia, a Inglaterra no século XVIII se apresenta como um lugar de instabilidade política, econômica e religiosa. A fundação das treze colônias se deu dentro desse contexto. Baseado num projeto de felicidade, várias ondas migratórias impulsionaram a colonização inglesa na América. Quais os ideais de felicidade projetados neste “Novo Mundo”.
- 5) “A Independência norte-americana é apontada pela historiografia como um ‘marco’ para a América, para a democracia, para a razão e portanto para busca da felicidade.” Discuta sobre este evento tendo como referência a constituição dos EUA (1ª das Américas) e suas contradições.
- 6) “A Formação dos Estados nacionais e o Absolutismo Monárquico são apresentados nos livros que estudamos como ‘marcos’ imprescindíveis para a entrada do homem no ‘Período das Luzes’.” Entretanto, discutimos que mesmo neste ‘Período de Iluminação’, muitas foram as trevas experimentadas pelos indivíduos. A partir disso, marque a alternativa (a) correta (a):
 - a) A Noite de São Bartolomeu demonstra que o ‘homem moderno’ tinha sua vida e seus propósitos orientados pela razão.
 - b) A medida que reis católicos e protestantes se revezavam no poder, também se revezava a religião tida como oficial e que portanto deveria ser praticada por todos, o que demonstra a importância e o poder da religião no ‘Período da Razão’.
 - c) A idéia que NAÇÃO que surge no ‘Período Moderno’ tem como objetivo proporcionar a felicidade do homem, e isto foi conseguido como a homogeneização dos indivíduos em um único território, vivificando uma única cultura, falando uma mesma língua, praticando uma mesma religião.
 - d) Teorias como a do Direito Divino, a do Bom Selvagem, a do Contrato Social, do Déspota Esclarecido, que justificavam o Absolutismo Monárquico, apontam para o uso da razão em prol de projetos que excluíam opiniões e atitudes diferentes, sendo a felicidade um direito apenas dos que usassem a razão (aqueles que respeitassem e seguissem as regras).

7) A Ciência nomeou, definiu, classificou o homem de acordo com os Períodos da História, que segundo ela começam na “Pré-história” e vão até os dias de hoje (“Período Contemporâneo”). Discuta como é possível identificar essa relação de classificação do “outro” enquanto ser inferior feito pela Ciência europeia, no que se refere às “Grandes Navegações” e ao Encontro entre as culturas da Europa e do “outro” que foi nomeado de índio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DE HISTÓRIA PARA
VESTIBULAR

TEMA: Contemporaneidade, Cultura e Política.

EIXO TEMÁTICO: "Modernidade: a Construção e o Poder
das Identidades"

Questões:

1º. Cidadania, justiça, igualdade, liberdade, democracia política, fraternidade, e direitos individuais foram lemas da Revolução Francesa e são ainda hoje, temas discutidos e reivindicados em diversos pontos do mundo. Influenciados por esses ideais que correntes de pensamento dominaram o cenário europeu no século XIX?

2º. A Independência do Brasil foi um processo pautado nos ideais da Revolução Francesa que estava inserida na modernidade. Explique as contradições da modernidade no Brasil através de uma análise geral do período imperial neste país (1822-1889)?

3º. Faça uma análise sobre a crise da modernidade tendo como eixo explicativo a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929.

4º. Nos discursos da modernidade toda e qualquer identidade é construída em função de tendências sociais e projetos culturais em um contexto marcado por relações de poder. Identificar os sujeitos sociais e políticos que participaram do projeto de identidade Nacional Brasileira a partir dos anos 30.

5º. Comente o conceito de pós-modernidade através das transformações ocorridas no Brasil e no mundo a partir da intensificação do processo de globalização.

II SEMINARIO TEMÁTICO

EIXO TEMÁTICO: A emergência da razão: continuidades, descontinuidades e a idéia de felicidade no Período Moderno.

TEMA: As Grandes Navegações: Por quê?

GRANDES Navegações – Visões de um poeta mais que Pessoa!

1) Contradições da Ciência do século XIX;

→ Marco Pólo – Século XIII

→ Narrativas, Mitos, fábulas e fantasias

→ Continuidades na Idade Média – Igual à Grécia (antes dos filósofos)

2) Dialética produzida pela cultura

→ Deus e o Diabo; Bem e o Mal;

→ Religião e política;

“Os outros homens, por instituição divina tem só a obrigação de ser católico. Os portugueses têm a obrigação de ser católicos e ser apostólicos. Os outros cristãos tem a obrigação de crer a fé. O português tem a obrigação de crer a fé, mas propagar.”

3) A negação do que o homem nomeou como Oriente

→ Bússola, astrolábio.

4) O tratado de Tordesilhas (1494)

→ Mais uma forma de negação, nomeação do outro

→ Formação dos Estados Nacionais - Cartografia (Segredo de Estado – Poder de dominação)

→ Aprofundamento da Matemática, Geometria e do Globo Terrestre

5) Expansão Marítima

→ Intelectuais para civilizar, catalogar, descrever, classificar.

| | |
|---------|------------------|
| { - Rei | { - Nobreza |
| { - Lei | { - Clero |
| { - Fé | { - Comerciantes |

Nomear sua experiência Conquistados
 Dominador
 Salvador
 Legislador

Quem sou eu?
Quem é o Outro?
Que é Deus?
O que é o Homem?
O que é civilizado?

Dois discursos :

- a) O homem moderno vivenciando sua experiência
- b) O discurso da historiografia dois, três séculos depois.

ENCONTRO ?

Estranhamento/ Fascínio
Comparação / Imposição
Aceitação / Redefinição
Condenação / salvação

A CONQUISTA DA TERRA FÊMEA

A América é uma mulher... Pelo menos assim ela aparece nas iconografias entre o século XVI e XVIII; o ventre opulento, o longo cabelo amarrado com conchas e plumas, as pernas musculosas, nus os seios. (...). A representação assim construída pelos europeus traduzia um discurso que tentava se impor como concepção social sobre o Novo Mundo: a América, como uma bela e perigosa mulher, tinha que ser vencida e domesticada para ser melhor explorada. A metáfora para a exploração do continente serviu, na prática, para ilustrar as relações de gênero, no período da conquista. Nesse momento, o estupro (...) podia ser lido como paradigma de uma história e simultaneamente, uma estrutura de relações sociais.

(PRIORE, Mary Del. Imagens da terra fêmea: a América e suas mulheres. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). América em tempo de conquista. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.)

Ele parecia obedecer a injunções muito mais duras do que as regras de gramática ditadas às criancinhas, e suportava tudo com paciência para evitar um levante de seus súditos e seus grandes. Qualquer coisa lhe parecia menos difícil de suportar do que uma revolta de seu povo.

(Pierre Martyr — Cronista espanhol)

Montezuma deve ter sido um homem fraco e de pouca coragem, para ter-se deixado prender assim e, mais tarde, por nunca ter tentado fugir; mesmo quando Cortéz lhe oferecia a liberdade e seus próprios homens suplicavam que aceitasse.

*(Lópes de Gomara — Historiador espanhol)
(TODOROV, Tzvetan. A conquista da América — a questão do outro. São Paulo, Martins Fontes, 1982.)*

REPRODUÇÃO



EUROPA



ÁSIA



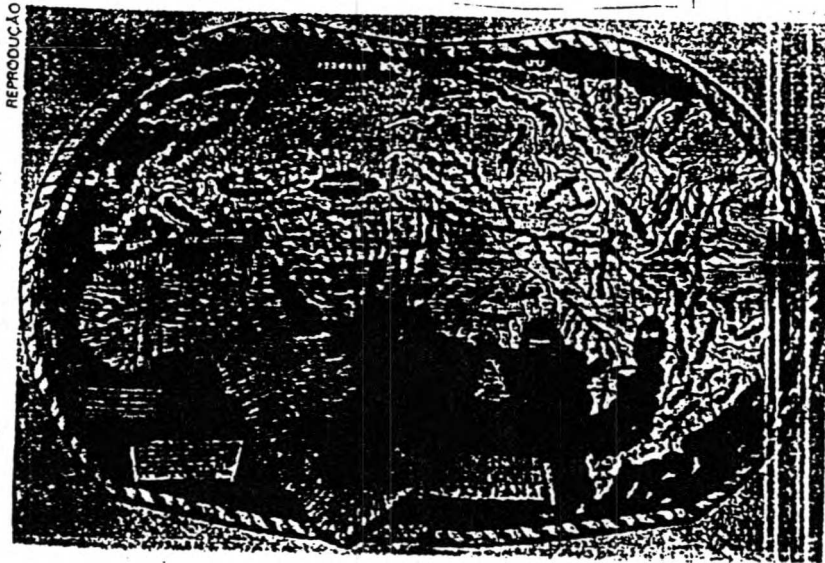
ÁFRICA



AMÉRICA

Quais os pecados? Vícios da carne — o incesto com lugar de destaque, além da poligamia e dos concubínatos — nudez, preguiça, cobiça, paganismo, canibalismo. Havia muitas mulheres para um só homem e alguns têm por mulheres a própria filha. (...) é mais preguiçosa gente que se pode achar, porque desde a manhã até a noite, e toda a vida, não tem ocupação alguma. Humanidade esquisita, anti-humana, meio monstruosa, diferente pecadora. Seriam homens mesmo? Poderiam ser convertidos, receber a palavra divina?

(MELLO E SOUZA, Laura de. — O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.)



Mapa-múndi da época de Colombo.

Razão



Novo

X

Encontro



Nomeação

Índio por que? { Incivilizado
Bárbaro
Inferior

América = NOVO MUNDO :

Sem Experiência

Sem Razão

Sem Fé

Sem Rei

Sem lei

Sem fé

É Preciso Colonizar

É Preciso Destruir

É Preciso Dominar

Nomear a Experiência do Outro:

Asteca , Incas.

Razão = Violência

Cortêz/ Pizarro

“Nesta condição se encontram todos aqueles que valem apenas para o uso de suas forças físicas.”

“A liberdade do índios contra todo o argumento teológico-jurídico possível, mostrando-os débeis, fracos, incapazes de qualquer esforço, carentes, numa palavra, dos requisitos físicos para serem escravos.”

Las Casas X Sepúlveda



LUZES CONTRA TREVAS: ILUMINISMO

ILUMINISMO
QUÊ?

x

TREVAS = POR



RAZÃO E LUZ



ESCURIDÃO

RAZÃO = FELICIDADE?????



CIÊNCIA DO SÉC. XIX

→ LEI DA EVOLUÇÃO/PROGRESSO

- MARXISTA
- POSITIVISTA
- SÓCIO-DARWINISMO

→ INSTAURAR UM NOVO MUNDO?



ORDEM
EVOLUÇÃO
PENSAMENTO/RAZÃO
UNIVERSALIDADE
INDIVIDUALISMO

NOVO PROJETO CIVILIZATÓRIO CIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA ATRAVÉS DA LINGUAGEM

3 PRINCÍPIOS NOMEADOS SÃO:

UNIVERSALIDADE: O projeto de felicidade visa a todos os seres humanos, independente de barreiras raciais, éticas ou culturais.

INDIVIDUALIDADE: Os seres humanos devem ser vistos como pessoas concretas e não apenas como integrantes de uma coletividade.

AUTONOMIA: Os homens estão aptos a pensar por si mesmos sem a tutela da Igreja ou ideologia, e para agir no espaço público a fim de adquirir, por meio de seu trabalho, os bens e serviços necessários a sobrevivência material.

(...) Nenhum homem recebeu da natureza o direito de comandar os outros. A liberdade é um presente do céu, e cada indivíduo da mesma espécie tem o direito de gozar dela logo que goze da razão (...). Toda outra autoridade (que não a paterna) vem duma outra origem, que não é a da natureza. Examinando-a bem, sempre se fará remontar a uma destas duas fontes: ou a força e a violência daquele que dela se apoderou; ou o consentimento daqueles que lhe são submetidos, por um contrato celebrado ou suposto entre eles e a quem deferiram a autoridade. O poder que se adquire pela violência não é mais que uma usurpação e não dura senão pelo tempo por que a força daquele que comanda prevalece sobre aqueles que obedecem (...). O poder que vem do consentimento dos povos supõe necessariamente condições que tornem o seu uso legítimo útil à sociedade, vantajoso para a República, e que o fixem e restrinjam entre limites; pois o homem não pode nem deve dar-se inteiramente e sem reserva a outro homem. (...)

(DIDEROT, Denis. *Autoridade política*. In: FREITAS, Gustavo de. 900 textos e documentos de história. Lisboa, Plátano, 1977.)

O QUE É A LIBERDADE

É bem verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade política não consiste em fazer o que se quer. Num Estado, isto é, numa sociedade em que existem leis, a liberdade só pode consistir em poder fazer o que se deve querer e a não ser coagido a fazer o que não se deve querer.

É preciso ter em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; e se um cidadão pudesse fazer o que elas proibem, ele não teria mais liberdade, porque os outros também teriam esse poder.

(MONTESQUIEU. *O espírito das Leis*. In: WEFFORT, Francisco C. (org.). *Os clássicos da política*. São Paulo, Ática, 1989. v.1)

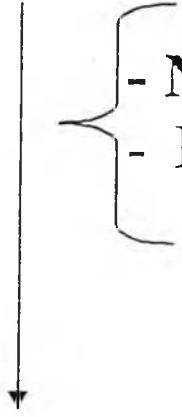
O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, (...) tivesse gritado a seus semelhantes: "Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!" (...)

(ROUSSEAU, J. - J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. In: GOTHEIR, L. & TROUXE, A. (org.) *Les temps*. Rousseau. São Paulo, Abril Cultural, 1978.)

OBSERVAÇÃO: Influência direta no Séc. XIX

→ Ciência/ Felicidade = homogêneo

ILUMINISMO: PODE SER CONTESTADO??

- 
- Não é um movimento homogêneo
 - É uma experiência particular de Inglaterra, França, Holanda

REI ABSOLUTISTA: Apropriação de conceitos Iluministas, transformando-os em uma doutrina política e social.

COMERCIANTES(BURGUESIA):
Possibilidades de instaurar um novo projeto de mundo.

→ O SABER É INSTITUCIONALIZADO EM UMA OUTRA FORMA DE PENSAR.

- Estado Constitucional
- Amplos direitos civis

LOCKE (1632-1704)

- Não deveria existir um despotismo pessoal;
- Executivo apenas um agente legislador;
- O homem parte do natural e sem exploração, no entanto o homem vivia no caos;
- Proteger a liberdade individual.

DIDEROT(1713-1784)

- Crítica feroz ao Absolutismo;
- Sociedade moderna deve ser civil e democrática.

VOLTAIRE (1694-1778)

- Crítica ao governo absolutista e a Igreja;
- Todos os homens são dotados pela natureza do direito a liberdade;
- Reservas do poder político nas mãos do povo.

- **Monarquia Esclarecida.**

MOSTESQUIEU (1689-1755)

- **Divisão do poder em 3 partes;**
- **Em países c/ grandes extensões territoriais: governo despótico;**
- **Em países médios: monarquia limitada;**
- **Em países pequenos: republica.**

ROUSSEAU (1712-1778)

- **O Bom Selvagem;**
- **Homens em estado de natureza;**
- **Inexistência da propriedade privada;**
- **Estado: defensor de toda coletividade.**

→ ECONOMISTAS LIBERAIS

CIENCIA = MATEMATIZAR



**NOMEAR
ECONÔMICAS**



EXPERIÊNCIAS

6

**LUGAR DE SABER = ESCOLA
FISIOCRATA DA TEORIA ECONÔMICA**



**FIM DA INTERVENÇÃO DO ESTADO NA
ECONOMIA**

**→ LAISSEZ FAIRE, LAISSEZ PASSER ET
LE MONDE VA DE LUI-MÊME**

→ ADAM SMITH (1723-1790)

**→ PAI DA MODERNA TEORIA
ECONÔMICA**

**→ PERMITE A INTERFERENCIA DO
ESTADO EM ALGUNS CASOS DA
ECONOMIA**

→ ESPECIALIZAÇÃO DO TRABALHO